Formação de psicólogos no Brasil – I

ANTONIO GOMES PENNA

Dividirei esta minha breve exposição em duas partes: a primeira destinarei a um pequeno histórico do processo de formação de psicólogos em nosso País e, em especial, em nossa cidade, pois me faltam dados sobre como se comportou essa formação em outros centros; a segunda estará destinada a comentários técnicos. Tais comentários também serão divididos em duas partes: a primeira dedicada a questões de meio; a segunda a questões de fins. Os comentários sobre questões de meio cobrirão o problema da composição de currículos. As considerações sobre questões de fins se centrarão em área filosófica.

No que se refere à primeira parte, creio que ela se justifica como oportunidade de se fazer justiça a algumas instituições e a alguns nomes. Por certo algumas instituições e mesmo alguns nomes já foram aqui lembrados.

O silêncio em torno de outras instituições e de outras personalidades marcantes em nossa curta história seria, contudo, grave injustiça. Impõe-se, pois, que se evite que ela seja cometida. No que concerne às instituições já mencionadas por expositores que me antecederam, grande destaque foi dado ao ISOP da Fundação Getulio Vargas. Coube ao Prof. Franco Lo Presti Seminério conceder-lhe a merecida exaltação. Na verdade, em sua longa trajetória contribuiu o ISOP com uma soma inestimável de serviços prestados à comunidade através não só de atendimentos profissionais, como também mediante cursos especializados ministrados, sobretudo, pelo ilustre Prof. Mira y López. Em termos de formação de pessoal qualificado, o ISOP concorreu com extraordinário trabalho. A partir de 1971 iniciou fase extremamente fecunda com a implantação do curso de mestrado. Sua organização processou-se através de trabalho de equipe que contou, em sua presidência, com a figura inolvidável de Lourenço Filho. A morte, infelizmente, não lhe permitiu assistir à deflagração do curso, e coube-me a honra de dirigi-lo por ato de confiança do diretor do ISOP, Prof. Franco Seminério. Vale assinalar que o mestrado que se implantou em 1971 teve decidida vocação para a psicologia aplicada. Com a estrutura original ele se manteve até 1975 quando profundo

processo de reestruturação o fez exprimir vocação mais acadêmica. No processo de expansão do ISOP o passo na direção do doutorado foi dado em 1977. Hoje conta o ISOP com uma estrutura de pós-graduação, tanto *lato sensu* quanto *stricto sensu*, extremamente rica. De fato, só na pós-graduação *lato sensu* oferece o ISOP cinco cursos de especialização com alto nível de produtividade.

Entretanto, o processo de formação de psicólogos contou com outras instituições importantes e é nossa a tarefa de exaltá-las. A referência inicial beneficia o velho Laboratório do Engenho de Dentro, implantado na Colônia de psicopatas durante a década de 20 por Waclaw Radecki. Antigo assistente de Claparède, Radecki teve papel extremamente relevante na implantação da psicologia científica em nosso meio e, particularmente, em sua defesa contra os que pretendiam vulgarizá-la em nível baixo. Coube-lhe montar o primeiro laboratório de pesquisas com a aquisição de instrumentos na Europa, fato que só se tornou possível graças à substancial ajuda fornecida pela família Guinle. A Radecki deve a psicologia a formação do primeiro núcleo de psicólogos altamente qualificados dentre os quais se incluiu Nilton Campos, posteriormente titular de psicologia geral da antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Do grupo, creio que o único sobrevivente é o ilustre Prof. Jayme Grabois, de resto, um dos antigos diretores do Instituto de Psicologia. Vale ressaltar que foi do velho Laboratório do Engenho de Dentro que surgiu o Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Outra instituição que concorreu extraordinariamente para o desenvolvimento da psicologia em nosso meio foi a antiga Faculdade Nacional de Filosofia. Originada da antiga Universidade do Distrito Federal, onde brilhou o eminente Prof. Artur Ramos, a Faculdade desempenhou um papel relevante. Por certo não concorreu substantivamente para a formação de psicólogos durante longo período. Na verdade, por muito tempo nela a psicologia só era estudada nos cursos de filosofia e de pedagogia. Nesse período, convém que seja exaltada a contribuição de dois grandes mestres. Refiro-me a Nilton Campos, na área da filosofia, e Lourenço Filho, no domínio da pedagogia. A partir de 1964, após o falecimento do ilustre Prof. Nilton Campos e já com o Prof. Lourenço aposentado, criou-se o curso de psicologia. Durante três anos figurou como curso da Faculdade Nacional de Filosofia, sendo por essa época coordenado pelo expositor que lhes fala. Em 1967, com a extinção da FNF, o curso de psicologia foi transferido para o Instituto de Psicologia, onde se mantém até hoje. Contribuição relevante deve-se à iniciativa particular do Prof. Hans Ludwig Lippmann. A ele, realmente, se deve a criação do primeiro curso de psicologia, instalado pelo ilustre professor em algumas salas da antiga Santa Casa. De lá saíram alguns nomes significativos da nossa psicologia, como é o caso do ilustre Prof. Aroldo Rodrigues. Também a Prof.ª Yone Caldas, que nos honra com sua presença nesta mesa, lá estudou durante algum tempo. Assinale-se que o curso do Prof. Hans Ludwig Lippmann logo foi absorvido pela PUC/RJ constituindo-se, assim, em núcleo do atual Departamento de Psicologia dessa universidade.

Não poderia silenciar sobre as realizações efetuadas por nossas Forças Armadas. Especialmente o Exército fundou e manteve por longos anos um excelente curso de classificação de pessoal, tendo por lá passado figuras que hoje honram o campo da psicologia. Não poderia deixar de citar, pelo menos, dois nomes bastante significativos. Refiro-me aos Profs. Albino Bairral e Wheder Wanderley, ambos psicólogos do ISOP, sendo o último seu ex-diretor. A Wheder Wanderley se reconhece, inclusive, o mérito de ter lutado pela conversão do ISOP em um centro de pesquisas.

Sobre as questões que integram a segunda parte desta minha exposição, repito que as dividi em duas áreas de comentários: a primeira dedicada a questões de meios, e a última a questões de fins. Sobre as questões de meios, identificam-se elas com a composição de currículos. Trata-se de questão que vem mobilizando intensamente os meios acadêmicos. Ainda aqui um pequeno histórico irá bem. Na verdade, foi em 1962 que o CFE produziu o primeiro currículo definido como mínimo; era realmente um currículo de um pequeno grupo de disciplinas consideradas básicas, que se mantém desde sua implantação sem qualquer modificação, cuja vigência já cobre 17 anos. Ocorre que durante esses 17 anos pode-se considerar que o panorama da psicologia científica alterou-se de forma substancial. Em face dessa alteração, ocorreu ao Conselho Federal de Educação a idéia de uma revisão do citado currículo. Designou-se então a Prof.ª Nair Fortes Abu-Mehry como relatora do processo que, prudentemente, buscou a ajuda das universidades. Muitas foram consultadas, mas nem todas responderam. A colaboração de alguns professores foi igualmente solicitada. Cito três: Prof. Franco Seminério, Prof. Schneider, e eu mesmo. Dos estudos feitos resultou um anteprojeto. Entrementes, simultaneamente, o DAU do MEC nomeava comissão de especialistas, sob a presidência do Prof. Artur de Mattos Saldanha, para elaboração de outro anteprojeto. Produziu-se um segundo documento tendo como relator o Prof. Samuel Fromm Netto. Em torno dele levantou-se forte debate, e daí à impugnação foi rápido. Acusou-se o documento de fundamentar um currículo pleno e totalmente inviável com considerações filosóficas infelizes. Na verdade, pelo documento se propunha a conversão dos psicólogos em agentes de controle visando desvios de todas as espécies, entre eles incluindo-se os desvios ideológicos. Obviamente, ficava assentado que os psicólogos deviam ser profissionais a serviço de um sistema. Questões éticas ficavam, assim, seriamente atingidas. Um clima de revolta, que perdura até hoje, instalou-se nos meios universitários.

Pessoalmente, entendo que a questão da composição de um currículo mínimo tem sido mal colocada. Na verdade, uma proposta de currículo sempre terá de supor uma opção na área da filosofia da cultura, da antropologia filosófica e da própria ética. Tal opção terá de marcar compromissos, mas entendo que ela só se revelará relevante em face da produção de currículos plenos. Os currículos mínimos, por serem mínimos, serão irrelevantes, e qualquer um que venha a ser implantado conterá pontos de desacordo. Tais pontos, contudo, poderão ser facilmente superados pela composição de um currículo pleno. Em torno destes é que

os debates terão de se centrar. Por meu lado, considero ideal que cada universidade proponha um currículo diferente, que seja a expressão de sua comunidade acadêmica.

A produção de um currículo pleno com o nome de currículo mínimo e como imposição a todas as universidades será uma solução totalitária. Na verdade, só o pluralismo curricular se ajusta a uma sociedade aberta e democrática. De qualquer modo, nenhuma discussão deverá ser deflagrada em torno de currículos sem que reflexões muito rigorosas sejam desenvolvidas na área da antropologia filosófica e da filosofia da cultura. Considerações sobre a epistemologia das ciências humanas, por igual, se impõem como necessárias. A pergunta básica para a qual todos devemos procurar resposta é acerca do tipo de psicólogo que precisamos formar. Queremos controladores? Queremos profissionais comprometidos com o tipo de sociedade injusta em que vivemos? Queremos profissionais voltados para a perpetuação de um determinado sistema só por que ele é o convencional? Queremos, enfim, um psicólogo capaz de colaborar com uma estrutura social altamente injusta? Ou queremos, ao contrário, um psicólogo capaz de colaborar na edificação de uma nova sociedade, caracterizada pela justa distribuição da riqueza?

Estas são as questões que deverão ser colocadas em primeiro lugar. Do contrário, estaremos todos comprometidos com a formação de profissionais marcados por total alienação.